

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

CINEMA: SOCIABILIDADE E LAZER DAS CLASSES
POPULARES EM UBERLÂNDIA- 1909/1937

DANIELA HONORATO COUTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

CINEMA: SOCIABILIDADE E LAZER DAS CLASSES
POPULARES EM UBERLÂNDIA- 1909/1937

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
História, do Instituto de História da Universidade
Federal de Uberlândia, como exigência parcial para
obtenção do título de Bacharel em História sob a
orientação do Prof. Dr. Newton Dângelo.

DANIELA HONORATO COUTO

DANIELA HONORATO COUTO

CINEMA: SOCIABILIDADE E LAZER DAS CLASSES
POPULARES EM UBERLÂNDIA- 1909/1937

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Newton Dângelo – Orientador

Prof. Ms. Ricardo Golovaty

Prof. Ms. Getulio Ribeiro

Agradecimentos

Agradeço a todos os professores do Instituto de História que de uma maneira ou de outra, me auxiliaram a chegar ao final deste trabalho. Em especial ao orientador Newton Dângelo pela paciência pelas minhas ausências e por acreditar que eu chegaria ao final. Ao professor Antonio de Almeida por suas dicas.

Ao funcionário João Batista da Coordenação do Instituto de História por suas palavras sempre amigas de conforto e dedicação e principalmente por ter me incentivado a continuar, em horas que sempre pensei em desistir.

As funcionárias do Arquivo Público Municipal que me auxiliaram bastante na pesquisa com jornais. E ao Elcio, funcionário do CDHIS que me ajudou na seleção das fotografias.

Aos meus pais, companheiros em todos os momentos da minha vida. As minhas amigas Ivani, Margarida, Ana e Jacqueline por sempre estarem ao meu lado.

A meu companheiro Adelson pelo carinho e paciência que me dedica todo o tempo e em especial a minha amada Maria Cecília motivo de grande alegria sempre.

Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar a sociabilidade das classes populares de Uberlândia no período de 1909 quando foi inaugurado o primeiro cinema da cidade, até 1937 com a inauguração do maior cinema desde aquela época. O que estudamos foi o comportamento das classes sociais dentro e fora dos cinemas para entendermos como se estabelecia as relações sociais na cidade.

Desenvolvemos a pesquisa abordando alguns temas como Indústria Cultural que para o período estudado não tinha um significado tão forte quanto nos dias atuais, mas que não deixava de estar presente dentro dos cinemas. Para isso trabalhamos com autores como Adorno que nos trata mais sobre o valor da mercadoria (a fetichização), e Walter Benjamin que considerava o cinema como o exemplo máximo da obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica.

Abordamos a sociabilidade das classes populares buscando juntamente com Thompson a definição de classe popular para entendermos como a sociedade uberlandense se dividia; já que a imprensa local se referia a Uberlândia como sendo uma cidade desenvolvida e “chic”, cujos moradores sabiam apreciar o conforto e tranquilidade oferecidos.

Percebemos que a cidade não era um modelo ideário civilizador como as elites da época queriam passar, daí a necessidade de analisarmos os “conflitos” e a “interação” dessas classes, que apenas queriam dividir os mesmos espaços de lazer na cidade, correspondentes as praças que serviam para os passeios antes e após as sessões de filmes, os carnavais que algumas vezes foram realizados dentro dos cinemas e o nosso objeto de estudo a própria sala de exibição cinematográfica: o cinema. Dessa forma conseguimos adentrar no universo da sociedade e analisamos como estava dividida e como se comportava em seus momentos de lazer.

Agradecimentos

Agradeço a todos os professores do Instituto de História que de uma maneira ou de outra, me auxiliaram a chegar ao final deste trabalho. Em especial ao orientador Newton Dângelo pela paciência pelas minhas ausências e por acreditar que eu chegaria ao final. Ao professor Antonio de Almeida por suas dicas.

Ao funcionário João Batista da Coordenação do Instituto de História por suas palavras sempre amigas de conforto e dedicação e principalmente por ter me incentivado a continuar, em horas que sempre pensei em desistir.

As funcionárias do Arquivo Público Municipal que me auxiliaram bastante na pesquisa com jornais. E ao Elcio, funcionário do CDHIS que me ajudou na seleção das fotografias.

Aos meus pais, companheiros em todos os momentos da minha vida. As minhas amigas Ivani, Margarida, Ana e Jacqueline por sempre estarem ao meu lado.

A meu companheiro Adelson pelo carinho e paciência que me dedica todo o tempo e em especial a minha amada Maria Cecília motivo de grande alegria sempre.

Sumário

Introdução.	7
Capítulo I - Lazer: origem e práticas.	13
Capítulo II - Classes populares e espaços de lazer.	25
Capítulo III - Vivências nas sessões de cinema.	40
Conclusão.	52
Bibliografia.	55

Relação das fotografias:

Capítulo I

Foto 1 - Avenida Afonso Pena em 1908. 22

Foto 2 - Avenida João Pessoa na década de 30. 23

Capítulo II

Foto 3 - Estação da Mogiana, s/d. 26

Foto 4 - Praça do Rosário em 1930. 26

Foto 5 - Vista da platéia do Cine Theatro São Pedro quando da sua inauguração, 28/12/1909. 31

Foto 6 - Vista da platéia do Cine São Pedro, s/d. 31

Foto 7 - Baile de carnaval realizado no Cine Theatro Uberlândia na década de 30. 34

Foto 8 - Vista da platéia do Cine Éden, s/d. 34

Capítulo III

Foto 9 - Fachada do Cine Theatro São Pedro na década de 10. 41

Foto 10 - Construção do Cine Theatro Avenida, s/d. 42

Foto 11 – Fachada do Cine Theatro Avenida, após a reforma em 1936. 43

Foto 12 – Saída de matine do Cine Avenida, s/d. 43

Foto 13 – Construção do Cine Theatro Uberlândia, s/d. ... 44

Foto 14 – Vista da platéia do Cine Theatro Uberlândia, sd. ... 45

Foto 15 – Saída de matine do Cine Central. 47

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a questão da sociabilidade e lazer das classes populares em Uberlândia no século XX observando o espaço dos cinemas que era a arte vigente na época e o entretenimento preferido pela população. Ir aos cinemas não significava apenas sair de casa para assistir a um determinado filme, mas representava a forma de comportamento das classes no perfil social da cidade através de suas vestimentas, penteados e até mesmo na maneira em que se portavam dentro das salas de exibição.

O que me levou a desenvolver este trabalho foi o gosto por cinemas e o interesse em pesquisar mais sobre o assunto despertado pela leitura da tese de doutorado do professor Newton Dângelo que aborda no capítulo I alguns aspectos de sociabilidade nos cinemas, anteriores à invenção do rádio. Não só havia a necessidade em se conhecer a história dos cinemas como também a de se fazer uma pesquisa sobre a própria estrutura social da cidade no século XX para entendermos a maneira como ela funciona hoje, numa tentativa de buscar o passado para compreensão do presente.

Procurei enfocar o cinema enquanto lazer das classes populares no sentido de que naquela época ele foi um dos principais estabelecimentos públicos a atrair um grande número de pessoas em um recinto fechado em busca de diversão e lazer. O que busco analisar é o espaço das representações e idealizações sociais a partir dos anúncios de jornais que emergiram com a imagem de uma cidade moderna, o discurso higienista, a exaltação do progresso, o culto a beleza e a valorização da cultura em contradição com uma cidade ainda com hábitos rurais em 1909, quando foi inaugurada pelo Capitão Custodio Pereira, figura ilustríssima da cidade, a primeira casa de diversões denominada Cine Theatro São Pedro, até 1937 com a inauguração do Cine Theatro Uberlândia com capacidade para 2200 pessoas, sendo o maior cinema dentro desse período. Enfim tento buscar o equilíbrio entre um modelo de urbanidade e o cotidiano inventivo e improvisado dos inúmeros grupos sociais que formavam imagens díspares do arcaico e do moderno, do rural e do urbano.

Os jornais alimentavam o discurso dominante, orientando o uso dos espaços públicos com as novas formas de sociabilidade surgidas com a inauguração dos cinemas. Examinando imagens e anúncios, o trabalho procura demonstrar o caráter fragmentário das transformações, contornando as imagens publicitárias que procuravam não apenas vender produtos, pautar comportamentos e disciplinar convívios urbanos,

como também configurar o sentimento e a consciência de prosperidade e progresso. A ideologia de transformação rumo ao moderno, pelas “elites” que ansiavam por livrar a cidade de seu passado bucólico, apareciam nos anúncios de jornais que embora não correspondessem imediatamente ao espaço no qual circulavam, concordavam com as expectativas correntes sobre a organização da cidade. Assim como neste anúncio do jornal O Binóculo:

“Uberabinha não podia andar mais do quem tem andado de tempos para cá. Com suas avenidas e ruas formosas, praças e lagos ajardinados, substituindo as ruínas e os atoladorros de outr’ora, vieram coisas outras ate entao esquecidas do pessoal de antanho... vieram ainda os maxixes e tangos de requebro, que passam a ser dançados pela gente boa e na melhor sociedade, que fica, por tal modo, equiparada à honesta roda dos suburbios da Chapada...”¹

O anúncio nos mostra como a elite buscava difundir uma ideologia de progresso querendo mostrar uma cidade chic e desenvolvida, mesmo utilizando-se de uma linguagem rural e mostrando uma estrutura que precisava de muitos “reparos”. Mesmo sendo uma cidade que contava com alguns serviços desde escolas públicas, estação telegráfica, praças, ela ainda “sofria” com problemas de água potável e pavimentação. Sob uma aparência de cidade pacata e ordeira, Uberlândia revelou desde o início do século um passado “camuflado” de crimes, roubos, estelionato, vadiagem e etc., vejamos neste exemplo como a imprensa forjava esta aparência: *“os ladrões infestam as ruas, os vagabundos perambulam pelas casas de tavolagem provocando brigas e arruaças; os moleques destroem os jardins e quebram os vidros das janellas dos prédios.”*² E no entanto da cidade ordeira e pacata havia muito pouco mesmo no início do século.

Somente o que era de interesse da moral e dos bons costumes eram especificados e citados em anúncios publicitários, tanto que não se ouvia falar em matérias publicadas sobre a vida de políticos, empresários e denúncias de má administração do dinheiro público. O que se queria mostrar era uma cidade constituída apenas de pessoas influentes e “chics”, porque mesmo para irem ao cinema era exigida uma vestimenta própria: aos homens cabia o uso de terno e gravata e as mulheres os vestidos elegantes de festas e luvas. O caráter publicitário nos dava a impressão de que apenas os “ricos” tinham acesso as opções de lazer, o que não era realidade. Em

¹ Jornal O Binóculo. Trimestre I. n.08.16/04/1916. p. s/n.

² Jornal A Tribuna. 26/10/1919. p. s/n.

Uberlândia percebia-se tensões entre as classes na busca pelo entretenimento. O tempo livre era utilizado como forma de garantir o bem estar e felicidade; os espaços públicos como as praças, os locais de festas religiosas, os blocos de carnavais juntamente com os cinemas anunciavam disputas pelos espaços de lazer e encontros.

Os espaços públicos foram analisados como parte da sociabilidade urbana, apontando investidas das elites locais na busca de comportamentos e no estabelecimento da ordem para se alcançar o tão almejado progresso, por meio de discursos que tentaram introjetar à população, uma imagem de cidade espetacular edificada através do esforço, dedicação e trabalho de ilustres cidadãos. Durante o período histórico em que estamos trabalhando o cinema tornou-se forma de lazer e um meio para enriquecer seus proprietários, ou seja, por trás do caráter de diversão existia uma preocupação em atrair os espectadores.

“Theatro São Pedro

Cinematographo

*Com escolhido programma, dará a Empreza Cinematographica do São Pedro, três magníficos espectáculos no domingo, segunda e terça feira próximas, exhibindo fitas novas de surprehenderes efeitos. É justo esperar-se grande concurrencia.”*³

Já se nota que o interesse deste artigo era fazer a propaganda do cinema São Pedro como o melhor, colocando em evidência que os concorrentes deveriam se cuidar para não perderem todos os espectadores.

A expressão Indústria Cultural para este momento não possui um significado quanto nos dias atuais, até mesmo porque ainda não estavam presentes a estação de rádio e nem a televisão, hoje percebidos em quase todos os lares sendo responsáveis pela divulgação de artigos e objetos que possam ser consumidos por um número cada vez maior de pessoas. Mesmo antes do rádio e do cinema, ela entretanto já se fazia notar através de sua divulgação num dos maiores meios de diversão e entretenimento da população: os cinemas.

As fontes trabalhadas foram revistas como Uberlândia Ilustrada e a revista Município de Uberabinha: História, Administração, Finanças e Economia do Cônego Pedro Pezzuti, produzidos na cidade e pesquisadas no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, vários jornais do município que acompanharam todo o período histórico desta pesquisa, entre os quais podemos citar os jornais A Noticia, O Progresso, A Tribuna, expressando a visão das elites, e também várias fotografias do acervo Jerônimo

³ Jornal O Progresso. Anno III. nº.137. s/d.

Arantes localizadas no Arquivo Público Municipal e outras do acervo João Quituba localizadas no Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História-CDHIS. Como a maior fonte nos veio através dos periódicos nos deparamos com a necessidade do papel do historiador de fazermos uma leitura crítica, buscando novas indagações, como observa Le Goff:

“O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.”⁴

Por isso a necessidade de se avaliar diferentes jornais e de se buscar várias fontes cada uma expressando sua opinião a respeito de um mesmo fato e tentando atingir a diferentes públicos e a solução para questões sobre como o modelo (ideário civilizador) ancorado nas idéias de progresso e modernização foi recebido pelos grupos sociais que afloravam com o crescimento da cidade? Tratava-se simplesmente da imposição e aceitação de novos padrões de “civildade”? Como o discurso era apreendido por seus destinatários? Em que barreiras ele tocava? Qual teria sido o papel da imprensa na consolidação de um discurso de sustentação desse projeto civilizador?

A fim de investigarmos o modo como as classes de Uberlândia utilizavam seu tempo livre é que procuramos examinar a partir destas questões a relação dos meios de comunicação de massa com a vida cotidiana dos habitantes da cidade, seus padrões de sociabilidade e comportamento e sua visão sobre a cidade tentando estabelecer um diálogo entre essas referências para compreender alguns conflitos como as questões envolvendo o rural e o urbano, o que era público e privado na constituição da cidade que estavam presentes principalmente nos periódicos da época, esboçando o espaço em que o cinema surgiu como forma de entretenimento e lazer.

Observando principalmente que apesar das categorias sociais dominantes quererem passar às outras categorias suas visões, memórias e projetos do mundo como sendo únicos, isso não queria dizer que as suas representações eram recebidas da maneira que desejavam, pois segundo Chartier: “ *as práticas de apropriação sempre*

⁴ LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: História e Memória. Trad. Bernardo Leitão [etal]. Campinas. SP.: Ed. Da Unicamp, 1990. P.90.

*criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas.”*⁵

Isso quer dizer que cada categoria social ira fazer uma leitura, uma apropriação diferenciada a partir de seus projetos, visões de mundo, condicionamentos e necessidades de acordo com o momento histórico que estão vivenciando o que se dá com qualquer produção cultural e o cinema nosso objeto de pesquisa não é exceção. Assim por meio de uma leitura cuidadosa das fontes, analisamos as diversas relações entre cinemas e seus espectadores, os donos de comércio, os representantes do poder e os responsáveis pela imprensa local e para isso dividimos nosso trabalho em três capítulos:

No capítulo I denominado Lazer: origem e práticas, procuramos conceituar algumas visões sobre lazer, estabelecendo diálogos com algumas questões que giram em torno deste tema como entretenimento, cultura de massa e indústria cultural que aparecem mais propriamente nos anos de 1920 a 1930 com o advento do cinema e a introdução de técnicas de produção em massa.

No capítulo II denominado Classes populares e espaços de lazer, o eixo será a discussão de algumas formas de entretenimento próximas e dentro dos cinemas, como o passeio às praças e os bailes de carnaval em Uberlândia e sua influência no cotidiano da sociedade, buscando uma compreensão da ordem econômica e social da cidade, para entendermos como se dava a “divisão” das classes populares e suas culturas dentro deste contexto.

No capítulo III Vivências nas sessões de cinema procuramos adentrar o universo das salas de cinemas com suas várias situações como o flerte, o namoro, a troca de olhares, o bate papo no intervalo das sessões e os passeios antes e depois do inicio dos filmes, denominado footing, onde rapazes e moças passeavam num vai e vem próximos as casas de espetáculos.

⁵ CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: Hunt, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 233-234.

Capítulo I

“O século XX acordou com a proliferação de uma invenção que soube definitivamente marcar o advento de um novo tempo.

Um aparelho chamado cinematógrafo criado por Auguste e Louis Lumiere em 1895, conseguiu realizar um sonho desejado a milênios. O homem conquistou um novo passo para a eternidade. Seu registro após séculos de tentativas adquiriu a dinâmica do movimento real. Surge o cinema, e com isso, o homem reinventa sua imagem a semelhança de seu potencial lúdico.”

(CAPUZZO, Heitor. Cinema a Aventura do Sonho, 1986)

Lazer: origem e práticas

O termo lazer é comumente empregado para designar o ato de consumir o tempo que se passa fora do trabalho. “Sua origem, remonta as diversas manifestações festivas, religiosas e lúdicas de sociedades antepassadas de várias partes do mundo. No Brasil, as primeiras manifestações lúdico-religiosas das etnias indígena, negra e européia constituíram alguns aspectos representativos do lazer; como por exemplo, os jogos e brinquedos infantis de arremedo de animais (herança dos índios) e os ritmos musicais e danças como o samba, o maracatu e o batuque que foram trazidos pelos negros. Os portugueses trouxeram ao nosso país atividades como a música (modinha, acalanto), a utilização de instrumentos musicais como o violão, a flauta, o piano, além de dramatizações como os bumba-meu-boi e festas religiosas em homenagem aos santos”⁶.

O lazer é algo que de acordo com a carta de lazer possui nove artigos e é definido como sendo “o período de disponibilidade durante o qual o homem pode realizar-se segundo suas próprias aspirações e manifestar sua identidade de forma criativa.” (Congresso define lazer como direito. O Estado de São Paulo, 14 de abril de 1976, p. 20. Sobre a carta do lazer; cf. A Carta do Lazer. Cadernos de Lazer. São Paulo.Sesc/ Brasiliense (1) 7-10, 1977).

Analisando os jornais de Uberlândia pudemos verificar que as pessoas sabiam dividir o tempo entre o trabalho e a diversão: “... *o uberlandense sabe trabalhar e repousar, equilibrar suas horas de operosidade dinamica que enriquece seu bem estar econômico, com os momentos de diversão que reconforta e sanea o espirito...*”⁷ Vemos aí que nas questões de tempo de trabalho, as classes uberlandenses sempre encontravam tempo para o lazer.

O cinema apareceu como um conjunto de fenômenos surgidos desde o primeiro espetáculo em que foram apresentados a um público admirado, as primeira imagens em movimento; é arte, técnica, indústria, comércio, enfim é um espetáculo riquíssimo como forma de distração. Não se sabe a origem exata da primeira exibição cinematográfica, consta que sua existência ocorreu simultaneamente em países como Alemanha, França e América. A mais bem aceita foi em 28 de dezembro de 1895 no Grand Café de

⁶ FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.

⁷ Jornal O Repórter. Anno IV. num. 140. 08/11/1936.p. s/n.

Boulevard des Capucines em Paris pelos irmãos Auguste e Louis Lumiere, tornou-se sonoro em 1927, tornou-se falado e após muito tempo foi beneficiado com a cor. O cinema é a arte de compor e realizar filmes para serem projetados como símbolo de uma nova mentalidade do lazer. Na década de 30 se tornou o mais importante entretenimento público, conquistando um número cada vez maior de espectadores substituindo o teatro. Seu sucesso se deu devido à multiplicidade de preços de ingressos, a multiplicidade de salas e seções e sua capacidade de evasão através do sonho e da estimulação do imaginário.

Antes de chegar as grandes telas do cinema industrial como forma de introjetar uma dada ideologia nas massas, os cinematógrafos passaram por transformações onde não apenas as câmaras, mas os atores que no início eram “emprestados” dos teatros começaram a serem formados exclusivamente para atuarem frente às câmaras. As salas de projeções também sofreram modificações, ao invés de barracões improvisados surgiram luxuosos salões.

O cinema além de ser um produtor de espetáculo é também veículo de propaganda, de informação e de formação, ele explora o sensacional como forma de evasão onde o espectador é coagido a tomar consciência de forma a não sair da sala em estado de indiferença e tem também uma função psicológica. Entre os meios de expressão humana é o que mais se aproxima do espírito do homem e o que melhor imita o funcionamento do sonho. A obscuridade da sala e a imagem tornam-se mecanismos de fascinação que exploram os movimentos psicológicos e de memória. No Brasil a década de 30 é considerada como o apogeu da indústria cinematográfica onde surgem personalidades como Walt Disney produzindo seus primeiros personagens e onde surge também a comédia.

Em Uberlândia os animatógrafos antecederam os cinematógrafos e foram aparelhos adquiridos por alguns empresários da cidade e região que saíam pelas cidades circunvizinhas fazendo suas exibições de filmes alugados da Empresa Radium. Em 1908 foram feitas projeções no pátio da casa do Sr. Firmino Gramma e posteriormente em outro barracão instalou-se um aparelho cinematógrafo (era o Íris) que na época ficava situado na Rua Silviano Brandão.

Para o “surgimento” do cinema caberá a iniciativa do Capitão Custódio da Costa Pereira na época um comerciante de implementos agrícolas (secos e molhados), a construção da primeira casa de diversões do gênero: o Cine Theatro São Pedro em 1909 onde começaram a surgir grupos e agremiações cênicas com montagens rápidas e nem

sempre apreciadas. O espaço em construção tinha como objetivo não o teatro, mas o cinema que era a arte nascente e na moda. Numa época em que não havia rádios ou formas diferenciadas de distração, o cinema constitui-se numa das formas de lazer de maior sucesso durante o período que ia do início do século até a década de 50.

O Cine Theatro São Pedro passou a ser utilizado com exibições cinematográficas nos finais de semana e nos outros dias servia para apresentação de palestras, reuniões, festas escolares, apresentações musicais e teatrais de grupos locais e também ambulantes. Neste período pequenos cinemas improvisados em salas comerciais aparecem e desaparecem como o Cine Carneiro e o Cine Rio Branco.

Os jornais assumiram um papel preponderante tendo em vista que a imprensa foi um dos principais veículos de divulgação das programações dos cinematógrafos e foi através destas fontes que constatamos a importância do cinema desde o início do século quando Uberlândia ainda se denominava Uberabinha. Os espetáculos eram admirados pelo público e elogiados pela imprensa local que fazia um chamamento ao público: *“na ocasião de apreciar e conhecer este aparelho de moderna invenção que tão grande sucesso tem feito até nas grandes capitais”*⁸.

Alguns empresários investiam na aquisição do aparelho devido a seu alcance financeiro, sendo que o mais conceituado era o aparelho Pathé Freres. Convencer a população das maravilhas do cinema não foi muito difícil, tendo em vista as propagandas nos jornais: *“o povo sequioso de divertimento se acha não deixará de compensar com sua frequencia os sacrificios do proprietário, se for como dizem um aparelho perfeito.”*⁹

Foram os hollywoodianos que perceberam a importância de se agradar ao público investindo maciçamente no cinema, o mundo do entretenimento capaz de

⁸ Jornal O Progresso. Anno I. n.º 95. 1908.p. s/n.

⁹ Jornal O Progresso.28/03/1909.p.1.

agradar a um grande número de pessoas. Neal Gabler¹⁰ no capítulo I denominado A República do Entretenimento nos chama a atenção para elementos que façam com que as pessoas gostem e se sintam vislumbradas, sendo que no caso do cinema em específico o foco da atenção são as estrelas, as celebridades que fazem com que o público tome certas atitudes que os fazem ficarem bem parecidos com as estrelas e onde ganhadores são os mercados que distribuem roupas, relógios e todos os utensílios que foram usados por determinada ator ou atriz em algum filme ou comercial.

Daí a importância de compreender como o cinema contribuía na formação de novos valores estéticos e como isso afetava a vida das pessoas; ele foi utilizado como grande divulgador, produtor e reproduzidor de valores, ideologias e concepções estéticas, tanto que os filmes hollywoodianos foram o exemplo desse potencial, uma vez que serviram para difundir e inculcar os valores sócio políticos dos EUA para o mundo.

O autor desenvolve um trabalho analisando a questão da cultura norte-americana onde antes do entretenimento produzido em massa a cultura era de domínio exclusivo dos ricos, educados e dos refinados e a eles cabia a determinação e responsabilidade de dizer o que era bom ou ruim, ou seja, havia uma separação espacial entre ricos e pobres onde os primeiros produziam arte e os segundos produziam “lixo”, algo sem valor cultural.

Surgiu daí o que podemos chamar de arte e entretenimento, onde a arte considera apenas a opinião do indivíduo isolado e, portanto, é produzida para uma única pessoa, cabendo a ela explicitar seus sentimentos; já o entretenimento lida com a “massa”, ou seja um grande número de pessoas e nesse contexto o fator determinante da cultura passa a ser o lucro, ou seja, o que o processo de produção e a comercialização podem alcançar no mercado em potencial. Nesse caso os sentimentos são coletivos.

Para que possamos compreender melhor a questão de produção coletiva devemos recorrer ao conceito de massa que surge partir dos anos 1920 e 1930, juntamente com os adventos dos meios de comunicação e da crescente comercialização do lazer e da cultura, em especial o cinema em várias cidades do Brasil e também em Uberlândia. Os filmes começaram a ser produzidos em massa com produções comparadas às automobilísticas (montagem, divisão do trabalho, controle financeiro), e em série, para serem distribuídos ao maior número de espectadores.

¹⁰ GABLER, Neal. Vida: O filme como entretenimento conquistou a realidade. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

Citando Dominic Strinati, ele nos define a cultura de massa como sendo “*a cultura popular produzida pelas técnicas de produção industrial e comercializada com fins lucrativos para uma massa de consumidores, é uma cultura comercial produzida para o mercado.*”¹¹

Para os uberlandenses, os “detentores” dos meios de produção tentavam tirar proveito do que tinham em suas mãos. A história do cinema em Uberlândia foi marcada pelo monopólio quase absoluto de dois empresários: o Sr. Nicomedes dos Santos e o Sr. Marques Pova, que viam neste meio de diversão uma forma de multiplicar o seu capital através de um controle envolvendo os donos do cinema e o poder público municipal na concessão de alvarás e proibição de funcionamento de alguns cinemas, como o “cinema do Baía”, que na década de 60 alegrava e divertia grande parte da população, projetando filmes em locais improvisados na cidade como a parede do Uberlândia Clube e que representava uma afronta aos negócios cinematográficos.

Existia uma forte aliança entre os donos dos cinemas e os comerciantes no qual estes funcionavam como divulgadores dos produtos e bens vendidos pelos comerciantes locais. Ocorria a utilização do espaço físico para a divulgação e publicidade de produtos de forma “distinta e moderna”.

*“O commercio e a empresa associam-se com uma só finalidade, proporcionando aos habitués uma possibilidade de ganhar lindos presentes, aquilatando-se do espirito dos proprietarios dos estabelecimentos chics da cidade que fazem propaganda dos artigos que vendem, de uma distinta e moderna maneira.”*¹²

Nesse meio o cinema pode ser compreendido enquanto produto constituinte da Indústria Cultural, onde as pessoas têm suas emoções e sensibilidades incorporados em benefício do consumo. Outro aspecto a ser revelado é a visão que se tinha do cinema como um grande veículo de propaganda, o que nos lembra o estudo do historiador Marc Ferro¹³ sobre o importante papel que o cinema representou como forma de propaganda para os alemães, soviéticos, franceses e americanos na difusão das suas ideologias políticas, por meio da produção de um número expressivo de filmes e documentários sobre as temáticas nazistas, antinazistas, capitalistas e socialistas e onde o espaço físico

¹¹ STRINATI, Dominic. Cultura popular uma introdução. São Paulo: Hedra, 1999. p. 27.

¹² Jornal O Repórter. Anno 5. num. 204. 13/02/1938. p. s/n.

¹³ FERRO, Marc. Cinema e História. Trad. NASCIMENTO, Flávia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 11.

dos cinemas, era também o local onde as transformações sociais ganhavam maior visibilidade e surgiam como referencial para os mais variados acontecimentos.

Para Adorno¹⁴ a propaganda faz parte do papel da Indústria Cultural que exerce um papel neutralizador sobre os indivíduos, tal como o modo de produção capitalista regula as produções de trabalho, a Indústria Cultural, através de seus bens culturais entra no tempo do ócio do trabalho ocupando-lhe seu tempo de lazer e o impedindo de pensar sobre sua própria condição social. Isso através das representações que os filmes exprimem, ou seja, eles conseguem incitar uma impressão de perigo ou dor sem que os espectadores estejam expostos a elas, e também conseguem exprimir sentimentos de alegria, prazer e amor que estão ligadas ao universo do cinema, afetando a sensibilidade das pessoas, provocando emoções, desejos e fantasias e criando imagens que acabam por intervir no imaginário cotidiano. Neste sentido, o cinema se torna alienante porque busca a semelhança entre a vida real e a fantasia, há uma atrofia da subjetividade, pois tudo aparece explicado e os sentidos são desmobilizados.

O que se pretende é a ideologia da classe dominante junto aos meios de comunicação. Marilena Chauí define a ideologia como “um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem e como devem valorizar, o que devem e como devem sentir, o que devem e como devem fazer. Ela é portanto um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo e regulador...”¹⁵

É preciso que nos lembremos de que cada imagem que aparece nos filmes são frutos de uma escolha em termos de enquadramento (quais os elementos a serem mostrados e quais serão excluídos) de seqüência (qual será o primeiro, o segundo...). O que aparece é a visão dos produtores, diretores e atores, não sabemos como o filme foi feito de uma maneira completa, pois o que chega até nós é o que os diretores querem mostrar; então o que vemos é apenas a indústria do entretenimento.

O cinema é o veículo onde tudo nele é fascínio; estando ao alcance de todos, faz trepidar de emoção o público que não consegue se manter passivo diante de produções apuradas com grandes efeitos visuais. Ele exerce uma grande influência no sentimento das pessoas, e nem por isso faz com que elas percam o sentido do que estão vivendo.

¹⁴ ADORNO, Theodor W. Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 4ª ed.1990.

¹⁵ CHAUI, Marilena. O que é ideologia. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 4ª edição, 1981. p. 66.

Por isso os filmes são criados para serem vistos pelo maior número de pessoas, a massa, que de acordo com MacDonald:

“... se o povo está organizado como uma massa, ele perde sua qualidade e identidade humanas. Pois massas, no tempo histórico são o que uma multidão é no espaço: uma grande quantidade de pessoas incapazes de se expressar como seres humanos, porque não estando relacionadas umas com as outras nem como indivíduos nem como membros de uma comunidade na verdade, elas não se relacionam umas com as outras, mas somente com alguma coisa distante, abstrata, não-humana...”¹⁶

Trata-se de tentar explicar a sociedade de massa como a consumidora de filmes que se une apenas pelos sentimentos despertados pelo prazer de ir aos cinemas. Só que não podemos generalizar todos os consumidores de massa como sendo totalmente alienados, ou seja, mesmo que se queira, não há como existir um público massificado, pois as pessoas mesmo sobre a influência de algo ou alguém, têm suas próprias opiniões. Assim deve-se partir do princípio de que existem segmentos de mercado diferenciados em gostos e preferências, assim como existem classes sociais diferentes.

O lazer ao ser tomado como cultura, pode ser concebido como instrumento de manipulação ou apaziguador social, vide a ação da Indústria Cultural e por outro lado tem a potencialidade de suscitar várias possibilidades de desenvolvimento social e cultural, bem como novas formas de sociabilidade e de reciprocidade, na medida em que projeta o seu caráter educativo, capaz de despertar uma pluralidade de olhares acerca da realidade.

Como produto da Indústria Cultural ou de consumo, o cinema é oferecido à massa de consumidores sob uma padronização, agindo através dos gostos, gestos, olhares, toques e etc. As variações ou a técnica de sua reprodução são somente aparentes e com repetição incessante. O cinema é o exemplo máximo da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica e também veículo que atende à cultura de massa. Não há uma diferenciação de seu original para sua cópia e ele existe para ser visto pelo maior número possível de pessoas.

Walter Benjamin¹⁷ pensou o cinema como um equilíbrio inusitado entre a paixão dos indivíduos pela magia das imagens em movimento, e no papel de emancipação das técnicas de produção; pensamento que foi frustrado pelo nazi fascismo onde a técnica do cinema foi usada como “um fetiche do holocausto”. Sua esperança era “manejar a técnica não como um fetiche, mas sim como a chave para a felicidade”. Para ele o cinema representou o surgimento de uma nova linguagem- fragmentada, moderna,

¹⁶ MACDONALD, D. (1957). A theory of mass culture. In: STRINATI, Dominic. Cultura popular uma introdução. São Paulo: Hedra, 1999. p.29.

¹⁷ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: Os Pensadores. Vol. XLVIII. São Paulo: Victor Civita, 1975.

veloz, que não pode ser encarada apenas como uma forma de dominação ideológica, pois apesar dessa conotação, há também a possibilidade de as pessoas tecerem suas críticas e controlarem suas reações.

O que podemos perceber é que a partir da introdução das técnicas de produção em massa, a obra de arte perde a sua essência chamada por Benjamin de aura; ou seja, o que acontece nas gravações dos filmes, difere do que é mostrado nas cenas. Mesmo com a mais perfeita produção de filmes, perde-se a autenticidade da obra. Por mais que se tente, o momento da criação se perde, não tem como ser retomado.

O ponto central encontra-se na análise das causas e conseqüências da destruição da “aura” que envolve as obras de arte enquanto objetos individualizados e únicos. Com o progresso das técnicas de reprodução, sobretudo no cinema, essa aura perde sua essência original, a obra de arte fica destituída de seu status de raridade. Para Benjamin, a partir do momento em que a obra perde sua raridade, a dissolução da aura atinge dimensões sociais que são resultantes das transformações e das modificações das percepções estéticas, visivelmente sensíveis no cinema, no qual a reprodução de uma obra de arte carrega consigo a possibilidade de uma mudança qualitativa na relação das massas com a arte. Podemos tomar como exemplo uma peça de teatro na qual o público está ligado com as emoções sentidas pelos atores, o que não ocorre no cinema, onde as emoções dos interpretes desaparecem com a substituição do público pela câmera.

As relações de hierarquização dos sentidos são frutos de uma chamada “reconciliação forçada” entre indivíduo e sociedade e tem como origem a fetichização da mercadoria e a partir dos elementos caracterizantes do fetiche é que temos o processo de dessensibilização, causado pela debilitação da individualidade, constituída na relação de consumidores e Indústria Cultural. O cinema torna-se então controle da classe dominante gerando e desconstruindo necessidades nos espectadores, produzindo, dirigindo e disciplinando os gostos dos consumidores que aos poucos vão se desacostumando de sua subjetividade.

A idéia de Adorno de que o preço das mercadorias ou de bens, inclusive o preço dos ingressos, define e domina as relações sociais nas sociedades capitalistas foi influenciada diretamente pela afirmação de Marx sobre as origens do fetiche da mercadoria:

“Portanto, o mistério da forma da mercadoria é o fato de o caráter social do trabalho tornar-se uma característica objetiva, uma qualidade social natural

do produto do trabalho. A relação dos produtores com o resultado de seu trabalho é apresentada como uma relação entre coisas, e não entre os trabalhadores. Por meio dessa transferência, os produtos do trabalho tornam-se mercadorias, coisas sociais, cujas qualidades são, simultaneamente, perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos. É fantástica forma de uma relação entre coisas. Denomino isso fetichismo. Ao serem produzidos como mercadorias, o fetichismo fixa-se aos produtos do trabalho, tornando-se portanto inseparável da produção.”¹⁸

É o que Adorno chama de segredo de sucesso. O valor que um produto ou bem possui será o mesmo valor de significado que ele terá para seu consumidor. É um sistema de troca onde a pessoa paga um determinado valor em dinheiro para possuir uma mercadoria e com isso satisfaz a sua necessidade pessoal. Ainda de acordo com Adorno:

“Em todos os ramos, os produtos talhados para o consumo de massa e que, em grande parte, determinam a natureza desse consumo são fabricados mais ou menos conforme um plano. Os ramos individuais são semelhantes em sua estrutura ou, pelo menos, encaixam-se mutuamente, ordenando-se em um sistema quase sem brechas. Isso se torna possível tanto pela capacidade técnica contemporânea, quanto pela concentração econômica e administrativa. A indústria cultural integra intencionalmente seus consumidores a partir de cima. Em detrimento de ambas, a indústria cultural junta contra a vontade as esferas da arte superior e da arte inferior, separadas por milhares de anos. A seriedade da arte superior é destruída na especulação sobre sua eficácia, a seriedade da arte inferior sucumbe às repressões da civilização, aproveitando-se da inerente resistência à rebeldia existente em seu interior, já que o controle social ainda não era total. Desse modo, embora a indústria cultural, inegavelmente, especule sobre o estado de consciência e de inconsciência dos milhões de pessoas para quem se dirige, as massas não são o elemento principal, mas sim o secundário; elas não são um objeto de cálculo, um apêndice da máquina. O consumidor não é o rei, como a indústria cultural nos faz crer, nem o seu sujeito, mas sim o seu objeto.”¹⁹

A indústria cultural é um sistema que não pode ser tomado isoladamente, é a expressão de todo um processo através do qual o domínio do capital sobre o trabalho e o conjunto da sociedade atinge historicamente seu ponto de racionalidade e sofisticação à medida que se aprofunda nos locais em que existiu desde o início do capitalismo (as fábricas) e se expande em todas as dimensões da vida social. Vemos isto na forma como vêm sendo racionalizados os sistemas de trabalho industrial e dos escritórios nas empresas onde as relações de produção se tornam cada vez mais complexas. O operário

¹⁸ MARX, Karl. (1963).Selected Writings in Sociology and Social Philosophy. In: STRINATI, Dominic. Cultura popular uma introdução. São Paulo: Hedra, 1999. p.183.

¹⁹BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 69.

vem perdendo todo o controle do seu trabalho, feito de forma mecânica através de instruções da gerência e onde ele nem conhece o seu patrão, devido às divisões hierárquicas da empresa; é o domínio do capital que se torna maior e menos perceptível.

Integrada diretamente no processo de produção capitalista a Indústria Cultural facilita a abreviação do tempo de circulação do capital, promovendo a venda das mercadorias anunciadas, mas é enquanto aparato de reprodução e difusão que ela auxilia o capitalismo monopolista: envolvendo o ser humano em seus momentos de lazer, ela reforça e complementa com suas mensagens o domínio exercido pelo capital no momento do trabalho e o mundo do lazer se torna um prolongamento do universo do trabalho.

Daí a expressão massificação da cultura, ou seja, a Indústria Cultural cria a ilusão de que todos podem ter acesso aos mesmos bens culturais quando na verdade os bens são separados por valores de mercado e nem todos tem acesso a itens mais “caros”. Massificar é banalizar a expressão artística e intelectual.

Em Uberlândia, o advento do cinema acabou fazendo com que várias companhias dramáticas perdessem seu espaço no mercado, quando então nos jornais começaram a aparecer anúncios dizendo que os cinemas estavam matando os teatros e que se surgisse outra forma de lazer, o cinema seria deixado para trás. Por outro lado, alguns anúncios pediam a abertura de novos cinemas com um preço mais popular; o que nos leva a crer que mesmo num período em que os cinemas tenham sido criados pela elite empresarial com a finalidade de explorar o negócio da diversão, esse mesmo cinema não foi capaz de afastar a população do reconhecimento de suas desigualdades.

Devemos entender que o cinema sempre se mostrou funcional e importante, seja político, econômico e também nas manifestações culturais: enfim, o cinema sendo considerado ou não como uma produção para consumo em massa, alienador ou não poderá sempre ser visto e analisado como um instrumento que nasceu, cresceu e se desenvolveu paralelo ao processo de modernização.



Foto 1: Avenida Afonso Pena em 1908, antes da chegada dos cinemas.



Foto 2: Avenida João Pessoa, já na década de 30.

Capítulo II

“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.”

(ROGER, Chartier. A história cultural entre práticas e representações, 1988)

Classes populares e espaços de lazer

A formação da cidade de Uberlândia iniciou-se em 1818, quando chegou à família de João Pereira da Rocha que acampou nas margens do córrego São Pedro, apossando-se das terras. Assim desencadeou-se o processo que levou ao Arraial de Nossa Senhora do Carmo, de São Pedro do Uberabinha e tempos depois, após a chegada de outras famílias, originou-se um pequeno povoado. Em 1851, uma fazendeira local vendeu uma extensão de terras para o patrimônio da Capela de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra, agilizando o crescimento do arraial.

Em 1929, o então município de Uberabinha passou a ser denominado de Uberlândia. Neste momento, o município já contava com vários serviços e equipamentos urbanos como: escolas, abastecimento de água potável, praças e uma pequena usina hidrelétrica instalada em 1909 que fornecia energia para a cidade.

Tudo o que era sinônimo de progresso chegava rapidamente a Uberabinha, desde o princípio do século: a estrada de ferro, a luz elétrica, o cinema, o telégrafo, o automóvel e mesmo epidemias como febre amarela e varíola que assolaram o país por volta de 1915. Nascida no bojo das expansões econômicas do país através de um sistema de relações sociais estabelecidas, quer seja através da utilização do trabalho compulsório ou assalariado, Uberabinha inegavelmente incorporou os elementos básicos deste sistema como o lucro, a exploração da força de trabalho e a disciplina. As elites econômicas e dirigentes do município, absorveram e difundiram com toda a intensidade o mundo do trabalho.

A acumulação de capital pelo comércio apoiou o desenvolvimento da atividade industrial, fazendo surgir vários estabelecimentos organizados em bases familiares que se constituíam de pequenas indústrias voltadas para a transformação de produtos agropecuários como os curtumes, fabricação de móveis e equipamentos para agricultura e engenhos de cana. As indústrias no período de 1920-30, tinham uma grande complementaridade com as atividades agrícolas e comerciais que exerciam uma função de apoio ao comércio, servindo para a subsistência dos produtores e atendimento ao mercado local. A partir de 1940 refletiram sobre Uberlândia as conseqüências das políticas de industrialização do governo Vargas (substituição das importações) e a construção de rodovias ligando a área de produção agrícola aos mercados consumidores.



Foto 3: Estação da Mogiana, em São Pedro de Uberabinha, s/d.



Foto 4: Praça do Rosário na década de 1930.

A ideologia da ordem e progresso foi perpetuada pela elite local (jornais), através de “elogios” e referindo-se a população como “gente laboriosa”, “povo pacato”, “gente ordeira”, que faziam parte de uma cidade que marchava para o progresso da nação, trabalhando sem descanso para construir seu patrimônio familiar. A cidade progrediu rapidamente através de sua produção agrícola, de seu comércio e do estabelecimento de pequenas indústrias, casas comerciais de médio e grande porte e pela quantidade de construções na cidade.

*“As indústrias uberabinhenses constituíam-se em instalações para o benefício de arroz e algodão, em serrarias e carpintarias providas de maquinários aperfeiçoados para o desdobramento e aproveitamento de madeiras em charqueadas e outros produtos de carne e couro, como curtumes, pequenas fábricas de banha, sabão, calçados, arreios, bem como diferentes outros ensaios industriais como cerâmica, bebida, pilhas telefônicas, desfiação de fumo, açúcar, moinhos e produtos farmacêuticos, dos quaes alguns são exportados e largamente conhecidos.”*²⁰

A inauguração de novos e diversificados empreendimentos deram continuidade ao processo de urbanização onde, de um campo de futebol, surge no início do século a Praça da República, também conhecida como Praça dos Bambus (hoje Tubal Vilela), que além de ser um conjunto arquitetônico representativo na identidade cultural da cidade, abrigou ao seu redor construções como: Hotel Zardo e Colombo, Edifício do Fórum (1922), Escola Estadual Bueno Brandão construída em 1915 e reconstruída em 1967, a Igreja Matriz de Santa Terezinha, entre outros. A praça constituía-se também em um importante referencial para a comunidade:

*“... outro passeio que gostávamos de fazer era ir ao jardim da Independência, aos domingos, à noite. Íamos para ver as moças, ellas não correspondiam aos nossos galanteios, mas voltávamos satisfeitos, porque, ao menos tínhamos ouvido a banda de musica...é mais agradável ouvir musica do jardim do que ver um quadro, uma estatua, um edificio. Na classificação das bellas artes, ocupa a musica o segundo lugar, sendo o primeiro reservado à poesia e o ultimo a architectura.”*²¹

O lazer das classes populares em Uberlândia se resumia nos passeios as praças nos finais de semana e com a abertura dos cinemas elas também eram utilizadas para o

²⁰PEZZUTI, Cônego Pedro. Município de Uberabinha: História, Administração, Finanças e Economia. Uberabinha: Officinas Livraria Kosmos. 1922. p.. 97.

²¹ Jornal A Tribuna. Anno I. num.33. 25/04/1920.p. s/n.

passeio, o chamado vai e vem (footing), após a exibição dos filmes. O Cine Theatro São Pedro quando da sua inauguração em 1909, passaria a compor uma das formas de lazer e entretenimento da população, que anteriormente só estava acostumada com os carnavais, festas religiosas e passeios nas praças.

Através do olhar do sujeito social, a praça é vista como um espaço modernizado da cidade. No crescimento, no desenvolvimento, nas transformações urbanas ela sempre foi palco de várias representações, marcando o cotidiano de uma cidade, ao mesmo tempo em que age como um ambiente de separação das classes sociais. É também um palco de interações, curtição de filmes e da convivência das classes populares no mesmo espaço, criando ou recriando práticas de sociabilidade.

As praças eram utilizadas para apresentações da Banda União Operária, principalmente a partir da inauguração do Coreto da Praça da Independência, funcionavam como trocas de impressões sobre as melhorias da cidade e eram muito citadas nos jornais da época, principalmente para descrever como a “elite chic” da cidade se comportava diante dos passeios, tecendo comentários acerca do comportamento das classes populares.

*“Não admira pórem que o povo que frequenta o jardim deixe de receber com aplausos a execução musical dos esforçados operários, visto como data de muito pouco tempo ainda esta innocente diversão de passeio e musica no jardim, não tendo portanto costume de harmonizar as harmonias da musica, com os progressos que a civilização vai pouco a pouco, introduzindo nos costumes e na índole dos povos. Tudo virá a seu tempo”.*²²

Os próprios jornais e periódicos locais sempre procuravam ocultar a população pobre, exaltando figuras ilustres como médicos, advogados, farmacêuticos, mostrando que a elite uberabinhense desejava se “separar” das outras classes no espaço público das praças e dos cinemas, e quando exaltavam as classes ditas “pobres”, o faziam para mostrá-los como pessoas sem “cultura”. Mas ao que tudo indica é que as ruas, praças e cinemas transformavam-se em lugares de encontro, conversa e lazer por moradores de todas as origens e classes. Como neste anúncio:

“No dia 31 de julho p.p. teve logar o levantamento do primeiro poste dentro da cidade, para instalação da força e luz electrica. A convite dos concessionários, srs. Carneiro e Irmãos, reunirão-se no logar previamente marcado, a corporação

²² Jornal O Progresso. Anno II. nº. 98. 08/08/1909. p.1.

musical União Operária e grande massa popular em que se achavam representadas todas as classes sociais, sendo o primeiro levantado ao som harmônico de escolhida peça de música, estrugindo no ar algumas dúzias de foguetes”.²³

Notamos que a imprensa se refere à expressão “massa popular” para designar todas as classes sociais. Então tendo como premissa que o cinema e suas salas de exibições são espaços públicos, estamos percebendo-o como um espaço moderno e que desenvolve novas relações sociais que irão se desenvolver a partir do contato com a chamada “nova tecnologia”. Contudo, é possível notar que as classes sociais serão definidas por suas diferenças econômicas e culturais bem como por suas decisões e participações no setor político. No caso do capitalismo podem ser apontadas como classes superiores aquelas que detêm um controle de capital e que possuem uma determinada quantidade de bens e propriedades. Dessa forma a sociedade se divide em classes, percebendo o domínio de uma, por suas capacidades materiais e ou culturais, sendo a outra apenas componente da força de trabalho, que também acumula conhecimentos culturais, de forma mais simples, sendo por isso, chamada de classe popular.

Thompson nos define: “*classe como sendo um fenômeno histórico e não como uma estrutura, nem mesmo uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas*”.²⁴

Iremos notar essas relações humanas dentro dos cinemas olhando-o como um espaço público, ou seja, lugar onde se desenvolvem as relações sociais. O que podemos comprovar através da restrição social existente, ou seja, nesse ambiente considerado público/popular que as diferenças entre as classes se tornarão aparentes. Segundo Poulantzas:

“uma classe social define-se pelo seu lugar no conjunto das práticas sociais, isto é, pelo seu lugar no conjunto da divisão social do trabalho, que compreende as relações políticas e as relações ideológicas. A classe social é neste sentido, um conceito que designa o efeito da estrutura na divisão social do trabalho (as relações sociais e as práticas sociais). Este lugar abrange assim, o que chamo de determinação da estrutura- relações de produção, lugares de dominação e subordinação política e ideológica nas práticas de classe: as classes só existem na luta de classes.”²⁵

²³ Jornal O Progresso. Anno II. nº. 98. 08/08/1909. p. s/n.

²⁴ THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. In: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. p. 9.

²⁵ POULANTZAS, Nicos. As classes sociais no capitalismo de hoje. Rio de Janeiro. 2º ed. 1978. p. 14.

O que se pretende dizer é que as classes só existem no momento em que há certa luta, ou seja, no momento em que há “divergências”, sejam estas por motivo de opinião política, econômica ou como no caso do nosso objeto de estudo, através das relações díspares das classes tanto nos cinemas, quanto em outros locais de entretenimento.

Dentre eles podemos citar as escolas que contavam com grandes possibilidades para o lazer nos vários campos de interesses: quadras, pátios, auditórios, salas e etc., em que as opções de lazer eram restritas às companhias dramáticas, orquestras nas praças, esporádicas exibições de cinematógrafos e as festas das escolas estaduais e municipais que vez ou outra representavam “pequenos monólogos” recitativos e comédias improvisadas no prédio estadual.

Assim, no barracão de propriedade do Sr. Firmino Grama (Cinema Polytheama), em 1908 e dos Cines São Pedro e Central ao longo dos anos 1910 e 1920, pudemos perceber as mudanças ocorridas na cidade, substituindo formas de lazeres dispersas e sem controle por espaços definidos para a sua prática e que também sofreram com as diferenças sociais e de classe, como exemplo, se percebe na crônica do jornal “A Notícia” de 18/05/1919: *“Mesmo com os esforços do Sr. Custódio Pereira e do Sr. Sylvio Savastano em trazer para a progressista Uberabinha um pouco de diversão e entretenimento em suas casas, estas ainda não estavam a altura do desenvolvimento da cidade”*.²⁶

Isso mostra o quanto a elite queria sair do status de cidade “rural” e adentrar no “chic” do progresso e desenvolvimento, copiando tudo o que vinha das grandes cidades. Mesmo com tantos esforços da elite em formar uma classe independente, pudemos verificar através da fotografia do interior do Cine São Pedro que as classes sociais conviviam no mesmo ambiente.

Embora os cinemas tenham surgido como um local onde era possível a interação das classes, ao pesquisar as relações que ocorriam nesses espaços, percebemos que a própria condição sócio econômica dos frequentadores expressa em seu modo de vestir servia como forma de demarcar o local ao qual deveriam se sentar, pois os homens que não estivessem de terno e gravata não podiam se sentar nas cadeiras da platéia, tinham que ir para o balcão, local mais ao fundo do cinema destinado a pessoas de baixa renda onde os ingressos eram mais baratos. Essa divisão entre platéia e balcão servia como forma de diferenciar os espectadores, significando um meio de isolamento e segregação.

²⁶ Jornal A Notícia. Anno I. num. 48. 18/05/1919. p. s/n.



Foto 5: Interior do Cine São Pedro, 28/12/1909



Foto 6: Interior do Cine São Pedro, s/d.

A divisão já começava pela fila com a compra dos ingressos, pois havia dois guichês de venda: um para a platéia e outro para o balcão como forma de controlar os que podiam freqüentar a parte de baixo e a de cima dos cinemas. Os balcões também conhecidos como poleiros eram destinados àqueles que não podiam pagar um preço elevado nos ingressos; a exclusão se dava através da divisão sócio política e econômica de seus freqüentadores.

Apesar de a elite querer passar somente uma visão de cidade sem problemas, a sociabilidade dentro dos cinemas não se dava de uma maneira quieta e pacata como a maioria dos jornais queria expressar, como neste anúncio:

“Ouvimos diversas reclamações contra o comportamento de certos indivíduos no cinema central. É que o pessoal do “gallinheiro”, durante as exhibições, por qualquer coisa - um simples transe de drama, ou atoa - um berra, grita, solta gracejos e piadas bobas. Há noites em que a sessão se torna um verdadeiro inferno. É de toda conveniência, para seus interesses, que o empresário daquela casa de diversões proíba estas cousas indecorosas.”²⁷

Neste sentido, a imagem de progressista e pacata cidade apresentada pela imprensa, não condiz com as lembranças que algumas pessoas guardavam da época, principalmente no que tange ao comportamento das pessoas nos espaços públicos, tanto nos cinemas quanto nas praças que também serviam de passeio antes e após as sessões de cinema e onde os negros não podiam andar ao lado dos brancos, aparecendo aí outro traço de exclusão que utilizava como pano de fundo os cinemas que já eram construídos próximos às praças numa forma de garantir os passeios e a sua divulgação nos jornais locais.

Um outro entretenimento não menos importante que o cinema foi o carnaval que se inseriu na cidade nos primórdios do século XX, quando não havia nem energia elétrica ou ruas calçadas, onde uma marcha carnavalesca organizada por jovens da elite uberabinhense percorria as ruas a fazer críticas bem humoradas sobre os acontecimentos locais.

A partir da década de 20, as pessoas iam à Avenida Afonso Pena no trecho que ficava entre a Praça da República (Tubal Vilela) e a Rua Goiás onde passeavam, dançavam e cantavam sós, em cordões ou em blocos. Os cursos iam da Praça da República à Praça Antônio Carlos (Clarimundo Carneiro) com carros pintados, de onde esguichavam lança-perfumes.

²⁷ Jornal A Tribuna. 07/03/1920. p. 1.

O caráter caipira do carnaval uberabinhense se fazia notar no sucesso que o grupo “Lenço Branco”, comandado pelo professor Jerônimo Arantes, onde os mesmos saíam às ruas cantando e dançando a catira. Em 1928 esse grupo foi recebido no Selecto Clube (fundado pela elite da cidade) onde dançou catira no salão. Até então o carnaval era dominado pela elite tanto na rua quanto nos salões. Em 1930 tem-se a primeira manifestação popular com o clube de negros “Flor de Maio”, dando bailes carnavalescos, mas é a partir de 1935 que o carnaval toma corpo e os negros invadem as ruas, cantando e dançando ao som de vários instrumentos musicais. A “massa” humana começa a mesclar-se: são ricos e pobres, negros e brancos interagindo em mais um tipo de festa, mas mantendo um caráter excludente, pois os negros só podiam se divertir se fosse do lado oposto dos brancos.

Até nos jornais notava-se a discriminação de forma clara como no seguinte anúncio: *“a elite é que dava a nota alegre e de brilho com seus cordões fantasiados, seus corsos elegantes, suas ricas fantasias individuais...”*²⁸

Outro anúncio nos faz perceber o quanto a elite desejava um espaço que fosse somente reservado a eles:

“ O carnaval por cá segundo é voz corrente na boca dos filhos da Candinha, teve a sua nota de existência, devido à iniciativa do Zé Caetano. Uma xaróla de mascaras vestidos de homens e mulheres, andou num bezeiro gostoso pelas nossas urbs e foi dissolver-se na Chapada. Pilheiras e graçolas, um tanto sem graça, um tanto immoraes, eis o que saltou da boca dos endiabrados filhos do Mommo extravagante cá da terra. Bem feito, deverá dizer a gente que pensa e tem um dedo de juizo. Bem feito, porque Uberabinha é já uma grande cidade, que podia, anualmente, por iniciativa de um clube carnavalesco bem arranjado, do qual fizessem parte as melhores pessoas, festejar com pompa os tres dias de Folia.”
Xisto²⁹

O jornal reclama da ausência de um clube fechado para abrigar o carnaval junto “as melhores pessoas”, o que pode ser lido com a abertura no final da década de 1930, do Selecto Clube, no qual “as melhores pessoas” podiam desfrutar do carnaval em “seu” ambiente fechado. Nos anos 30, devido à falta de um clube social, verificamos uma fotografia mostrando um baile de carnaval realizado no interior do Cine Theatro Avenida. Não só bailes de carnaval aconteceram dentro dos cinemas, como também vários shows, visitas de pessoas ilustres, festas sociais sendo que algumas fotografias não indicam a presença de negros (apenas pessoas ilustres).

²⁸ Jornal A Tribuna. Anno. I. num.33.

²⁹ Jornal O Binóculo. Trimestre I. n. 08. 02/03/1916.



Foto 7: Baile de carnaval realizado no Cine Theatro Uberlândia na década de 30.



Foto 8: Interior do Cine Éden, s/d.

Sendo assim, participar das sessões de cinema, ir às missas, festas religiosas, às praças, ouvir a banda, fazer fofocas, eram atividades e comportamentos que colocavam os habitantes em contato com a realidade social. A imagem da sociedade que as próprias pessoas difundiam, tendiam a serem aceitas na medida em que os espaços coletivos eram comuns a uma sociedade diferenciada, “disputando” os mesmos lazeres. Neste caso o cinema contribui para atrair e reiterar as condições do lazer dos segmentos sociais, possibilitando a inserção dos diversos cidadãos nos momentos comuns de diversão. Como destaca Newton Dângelo:

“Nesse sentido, foi possível compreender o cinema uberabinhense e uberlandense em dois momentos bem distintos, intercalados pela invenção da sonorização elétrica dos filmes em 1929: num primeiro momento, o cinema em formação enquanto espaço de lazer e de encontro, com recursos técnicos e limitados e atraindo toda a cidade e a imprensa pela sua novidade em termos de linguagem e lazer, ainda sem uma distinção mais nítida quanto a seus freqüentadores.

Num segundo momento, o cinema tornou-se mais profissional, o Cine Avenida passou a não ser só um ambiente de projeção de filmes, mas também para saraus e dramas teatrais. Novos cinemas foram inaugurados, como o Cine Uberlândia, Paratodos, Éden Cinema, Regente, os quais já assumiam identificações com espaços mais populares, dirigidos aos pobres, como o Éden e o Paratodos, enquanto o Cine Teatro Uberlândia e o Regente tornaram-se os mais sofisticados e luxuosos para receber apenas a platéia que utilizasse gravata e estivesse bem vestida.”³⁰

Nosso estudo procurou tratar o cinema a partir do seu primeiro momento, enquanto era utilizado como espaço de lazer e encontro, com vestimentas próprias para a sessão, (os homens deveriam estar de terno e gravata e as mulheres com seus vestidos chamados de “vestidos de filmes”), em que a condição social era explícita através dos locais em que as classes se sentavam. Era um meio simbólico de distinção social.

O próprio luxo dos majestosos cine teatros acabavam por atrair um grande número de pessoas, até mesmo os moradores de cidades vizinhas, que apareciam cada vez mais para apreciar o luxo e elegância do que propriamente para assistir aos filmes. Os cinemas em sua inauguração eram mais freqüentados por famílias, já que nas fotos pudemos perceber senhores e senhoras mais “maduros”, seguidos por várias crianças próximas ou sentadas em seus colos. A partir dos anos 30 torna-se mais nítida a

³⁰ DÂNGELO, Newton. Aquele povo feliz que ainda não sonhava com a invenção do rádio. Cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana. Uberlândia-1900/1940. In: Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio. Uberlândia, 1939/1970. p. 82 e 83.

freqüência por jovens que iam à procura de um namoro e também para exibirem suas roupas novas.

O espaço físico dos cinemas era montado com o intuito de atender às grandes comemorações sociais. Havia um grande salão que antecedia a sala de projeção dos filmes onde uma orquestra tocava lindas valsas, polkas e mazurkas. Os bailes e filmes significavam o contato com a fantasia, o mundo maravilhoso e mesmo após o início do filme a banda continuava tocando acompanhando o desenrolar da exibição.

“... assim, a banda era fonte de entretenimento musical nas salas do cinema São Pedro e Central, para atrair a assistência e induzir sensações às platêias dos dramas, romances e comédias levadas regularmente às telas. Era acompanhada em concertos ao ar livre nas praças da Independência e da República, participava de formaturas em escolas inaugurações de obras e equipamentos públicos.”³¹

A presença da população nos cinemas não se dava apenas devido a ausência de outras formas interessantes de diversão, mas também, em virtude das programações que eram oferecidas, sendo que o Cine Theatro São Pedro era o local preferido da população em seus horários de lazer; tanto que quando a exibição não era de filmes havia reclamação:

“Quando há nos cinemas locais, qualquer outra coisa que não seja projeção de films, eu fico triste, fico triste porque vou. E nem posso deixar de ir, pois gosto de variações, coisa caríssima e rara, nesta terra. A minha tristeza aparece com vergonha, pois Uberabinha já bastante adiantada não era para ter um palco melhor? É só subir o pano, a plateia toda, sem esforço, vê o que está nos bastidores: vê as tiras de taboas que suportam as lampadas nos altos do palco, vê... o que devia ver e o que não devia.”³²

É mais uma vez a imprensa tentando mostrar uma cidade adiantada com os rumos do progresso, e de como as pessoas gostavam de ver filmes e não de teatros. Através da leitura dos periódicos, percebemos que ela tentava de certa maneira encobrir como os habitués (freqüentadores) se portavam dentro dos cinemas, só que algumas vezes não conseguiam devido à coluna de Angu & K. Roço:

“Um problema difícil em Uberlândia: assistir-se com calma um film no cinema. Primeiramente a dificuldade na entrada: empurrões, socos, alfinetadas, etc. “segundamente”, uma vez lá dentro surge outra dificuldade: encontrar um

³¹ Idem. p. 69 e 70.

³² Jornal A Notícia. 18/05/1919. p. s/n.

logar, pois os que entram primeiro reservam fileiras completas com chapeos, sombrinhas e objetos vários. E quando se consegue um lugar ainda não se pôde ficar a vontade, a não ser se leve um capacete de aço para evitar as formidáveis pedradas de “bombons” atiradas por mocinhas que...Qual bombons “amargos” são os do cinema.”³³

Ir aos cinemas não era tão tranquilo como a elite dominante deixava entrever. Havia nesses locais certa desordem, através das conversas durante o filme e certo tipo de “bagunça” difícil de ser controlado. Mesmo assim, a elite procurava cercar-se de uma visão ideal:

“O cinema entrou francamente no gosto da nossa população... conta a cidade duas casas de espectáculos e todas as noites os seus salões se enchem. É que o povo de Uberabinha já gosta de se divertir. Os dois cinemas proporcionam a seus espectadores boa musica e alem disso prendem-lhe a atenção com os belissimos films de series que a America do Norte nos envia com uma assiduidade admiravel. Temos também aos domingos, as excellentes matinée com que o Central, a magnifica casa de diversões da Praça da Liberdade attrahe ás familias e sobretudo ás creanças, proporcionando-lhes agradaveis horas de prazer.”³⁴

Era como se não existisse nenhum problema na cidade e a mesma vivesse às mil maravilhas, somente apreciando seus momentos de lazer onde todos eram civilizados e pacatos. Será que todas as classes apreendiam o discurso dominante da mesma maneira? Não havia reclamações? A cidade era um modelo de perfeição para todos?

Através da leitura da documentação percebemos que apesar de tentar “mascarar” os problemas sociais existentes, os anúncios e a própria elite não conseguiam introjetar o seu modelo ideal civilizador, porque apesar das pessoas freqüentarem um mundo de sonhos e fantasias como o do cinema, elas tinham a clara noção da realidade, principalmente quando reclamavam do preço dos ingressos nos cinemas como a seguir: *“o povo aguarda com ansiedade esse acontecimento e que virá proporcionar-lhe o prazer de assistir por preços reduzidos films de programação cara...”³⁵*

As pessoas tinham consciência das desigualdades, mas devemos enfatizar nosso estudo tentando inserir a revolta num contexto de significados partilhados, conforme Chartier:

“As revoltas pertencem realmente ao mundo da cultura popular, na condição de não definir esta como uma cultura própria dos mais desprovidos por oposição à dos mais notáveis, mas como um repertório de motivos e de

³³ Coluna Angu & K. Roço. O Repórter. 01/08/1937. p. s/n.

³⁴ Jornal A Tribuna. Anno I. num. 33. 09/05/1920.p. s/n.

³⁵ Jornal O Repórter. Anno VI. Num. 239. 11/06/1939. p.3.

comportamentos que são partilhados pelo conjunto da sociedade (o que não significa que sejam pensados ou manejados por todos da mesma maneira)”.³⁶

Apesar da cultura da sociedade ser a cultura da classe dominante, existem os valores e comportamentos culturais próprios de cada classe social. Do mesmo modo que existem as diferenças sociais entre países e regiões, também numa mesma sociedade essas diferenças se manifestam de uma classe social para outra. Podemos então concluir que não podemos perceber as relações sociais dentro dos cinemas apenas como um instrumento de dominação da elite para com as outras classes numa tentativa de tentar impor sua cultura, mas devemos pensar que as relações sociais se dão através de um conjunto de práticas, representações e formas de consciência que possuem uma lógica própria.

³⁶ CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Memória e sociedade. Editora Bertrand Brasil. S/A: Rio de Janeiro, 1990. p. 200.

Capítulo III

“Os grandes cinemas, então, antes mesmo do filme já eram um filme. Antes de entrar na história que ia aparecer na tela, o espectador já se encontrava dentro dela. A arquitetura e a decoração da sala de projeção ensinavam a ver o filme: o imponente e luxuoso da cena começavam no espaço do espectador. A história se passava num palácio e se dava também a ver num palácio.”

(GONZAGA, José Carlos Avellar, 1996)

Vivências nas sessões de cinema

O propósito deste capítulo é tentar compreender como os cinemas se integravam ao ritmo da cidade ao mesmo tempo em que eram referenciados como símbolos de progresso e modernidade, e como eles marcaram de uma forma especial a paisagem urbana, contribuindo para a estruturação da imagem de uma grande cidade que as elites dominantes buscavam cunhar de Uberlândia.

Os cinemas do século XX não foram apenas lugares de passagem para assistir a determinado tipo de filme, eles foram espaços que marcaram a paisagem urbana e a sensibilidade das pessoas através de sua arquitetura grandiosa; eles interagiram com o ritmo de crescimento das grandes cidades, contribuindo como símbolo de progresso mediante as suas construções monumentais. Para a sociedade uberlandense, os cinemas representaram um motivo de orgulho por serem locais privilegiados de entretenimento e sociabilidade que podiam ser analisados de acordo com o chamado campo das estruturas.

Segundo Baczko, ao refletir sobre o imaginário social e as relações de poder que permeiam o espaço urbano, *“a arquitetura traduz eficazmente, na sua linguagem própria, o prestígio que rodeia um poder, utilizando para isso a escala monumental, os materiais nobres e etc...”*³⁷

Devido a isso é que entendemos a importância que as elites dominantes davam a esses cinemas, elegendo-os como grandes símbolos de progresso e modernidade. Entretanto esses espaços de entretenimento não foram capazes de controlar a vida de seus espectadores, uma vez que foram marcados pelos conflitos sociais que permeavam a cidade, percebidos desde os discursos publicitários nos periódicos locais como também nas relações sociais dentro dos cinemas.

Em sua grande maioria os cinemas pertenciam a grandes figuras conhecidas na cidade como Custódio Pereira, Marques Póvoa, Sylvio Savastano, Nicomedes Alves dos Santos, entre outros, interessados em levar para a população um prazeroso divertimento e conseqüentemente aumentar suas rendas.

Não foi difícil para o cinema se estabelecer na cidade e superar a atuação do teatro, tanto que por muitos anos o cinema se manteve no topo da hierarquia social uberlandense como atração predileta das diversas classes e no decorrer de alguns anos (1908-1937), foram instalados os seguintes estabelecimentos em ordem cronológica:

³⁷ BACZKO, B. Imaginário social: In: Enciclopédia Einaudi, vol. 5: Casa da Moeda, 1985. p. 313.

Polytheama: 02/01/1908

Íris Cinema: 05/06/1909

Cine Theatro São Pedro: 20/11/1909

Cinema Carneiro: 07/09/1910

Cinema Central: 24/12/1918

Cine Theatro Avenida: 10/10/1928

Cine Theatro Uberlândia: 15/12/1937

Os dois cinemas citados como o Polytheama e o Íris não eram suntuosos palacetes como os demais, eram pequenas apresentações de cinematógrafos apresentados em barracões improvisados, e só em 1909 é que inaugura-se o Cine São Pedro com suas pilastras em estilo grego, com um grande palco e uma capacidade de 500 cadeiras que logo se transformou no principal local de diversão e convívio social da população da cidade. As diferenças sociais eram notadas em seu interior, onde pudemos perceber uma divisão que embora rudimentar, já apontava uma preocupação com a divisão e hierarquias sociais através de seus camarotes.

Quanto à arquitetura, o São Pedro trazia em sua composição elementos ligados a arquitetura clássica e colonial como as suas pilastras e o medalhão em sua fachada. A imprensa cobria de elogios a grande “arte” na cidade: *“Com escolhido programma, dará a Empresa Cinematographica de São Pedro, tres magnificos espectaculos no domingo, segunda e terça feira proximas, exhibindo fitas novas de surprehendentes efeitos. É justo esperar-se grande concurrencia.”*³⁸



Foto 9: Fachada do Cine Theatro São Pedro

Foi então que em 07 de setembro de 1910, foi inaugurado o Cine Carneiro, de propriedade do Coronel José Theófilo Carneiro, que embora tenha sido inaugurado

³⁸ Jornal O Progresso. Anno III. Num. 137. s/d..

numa fase de desenvolvimento da cidade, não teve tanto destaque na vida social das pessoas. E no final dos anos 10, quando a cidade já começava a mudar seu centro comercial de posição, surgiu o Cinema Central de propriedade de Sylvio Savastano na praça Antônio Carlos (atual Clarimundo Carneiro), funcionando como cinema e teatro.

Após 10 anos sem a inauguração de um novo cinema, o Sr. Joaquim Marques Pova, grande comerciante de origem portuguesa, inaugura o Cine Theatro Avenida em 1928 na Avenida Afonso Pena, e também após um longo período em 1937, o Sr. Anibal Saglia empresário dono de uma rede de cinemas no estado de São Paulo inaugura o Cine Teatro Uberlândia com 1800m² e capacidade para 2200 pessoas, com suas linhas sóbrias e retas de arquitetura moderna, iluminação indireta e colorida, escada de mármore e comunicação interna por telefone.



Foto 10: Construção do Cine Theatro Avenida, s/d



Foto 11: Cine Theatro Avenida em 1936



Foto 12: Saída de matine do Cine Avenida, s/d

A existência do CTU possibilitou que a sociedade uberlandense pudesse entrar em contato com as produções culturais que aconteciam no país, com sua programação variada e espetáculos teatrais, shows, concertos e as novidades da sétima arte, atraindo não só as pessoas locais, como também das regiões vizinhas, propiciando uma importante forma de convívio social e cultural.



Foto 13: Construção do Cine Theatro Uberlândia, s/d



Foto 14: Interior do Cine Theatro Uberlândia, s/d

A imprensa exerceu um forte papel na divulgação dos cinemas, visto que divulgava a sua programação semanal como peças de teatro e apresentações de orquestras nacionais e estrangeiras que por aqui passavam. No caso do Cine Theatro Uberlândia:

*“A capital do Triângulo Mineiro pode orgulhar-se em possuir um cinema à altura do seu progresso e das suas possibilidades”. Uberlândia em peso, tem o máximo prazer de assistir hoje, à inauguração solene do seu novo cinema que será orgulho da cidade e do seu índice de progresso.*³⁹

Esse mesmo jornal trouxe em 18/12/1937 a seguinte observação: “Uberlândia em grande gala”. A consagração do Cine Theatro Uberlândia, no seu ato inaugural seguia dando detalhes da solenidade inaugural e tecendo alguns comentários: “*A iluminação do nôvo cinema está um encanto, abrilhantando a sua pintura moderníssima e o seu luxuoso mobiliário. Aquilo é um céu aberto, afirmava, um espectador maravilhado, ao nosso redor*”.⁴⁰

³⁹ Jornal A Tribuna. 15/12/1937. p. 4.

⁴⁰ Jornal A Tribuna. 18/12/1937. s/p.

Assim, a imprensa noticiou a inauguração do cinema “chic”, o Cine Theatro Uberlândia conhecido como “nosso cinema”, o único que oferecia todo o conforto, comodidade, luxo e distinção aos amantes da sétima arte. A cada novo cinema que se abria saía uma reportagem especial na imprensa local, divulgando o fato, as programações e muitas vezes apelando para o público que deveria compreender o esforço dos empresários e apoiá-los, freqüentando seus estabelecimentos.

O CTU, para atrair o público e vencer a concorrência, distribuía a seus freqüentadores, balas e flores:

“Então começou-se a briga: o cinema distribuía balas: distribuía-se aos domingos ingressos para sessões das terças- feiras e buquê de flores. E no salão de espera tinha uma orquestra tocando. Assim sendo, quando terminava a primeira sessão, a Segunda já estava praticamente lotada. As pessoas aguardavam no salão, onde dançavam ao som de uma orquestra muito boa, composta de, aproximadamente seis instrumentos.”⁴¹

Esse anúncio nos descreve como funcionava o CTU (Cine Teatro Uberlândia) o maior cinema da cidade que junto com mais alguns que continuavam funcionando, levavam a diversão e o entretenimento aos moradores e onde diversos namoros e romances foram iniciados no interior dos cinemas. Os jornais foram de grande importância para o entendimento das relações de sociabilidade e de como funcionava a estrutura da cidade antes e após a chegada dos cinemas. Tivemos o prazer de observar aos poucos a “transição” de uma cidade rural para uma cidade de progresso que foi incorporando novas formas de lazer, vindas de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Existia toda uma preparação para se ir ao cinema, as moças se preparavam com seus mais belos trajes, deixando às vezes um lugar vazio ao seu lado e os rapazes também com seus ternos caminhavam pelo cinema insinuantes, lançando olhares às moças de seu agrado. Era um lugar de flerte e romance, um espaço e momento de entrega à magia do ócio. Terminadas as sessões, acontecia o que se chamava “footing”, o vaivém que acontecia na calçada da Avenida Afonso Pena, onde moças e rapazes bem trajados desciam e subiam a avenida lançando seus olhares aos companheiros de sexo oposto. Neste vaivém os transeuntes eram designados pela sua condição social, pois apenas os brancos podiam passar normalmente e os negros mantinham-se do lado oposto da calçada, não fazendo parte do passeio que se iniciava na época, na esquina do

⁴¹ Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia. num. 2625. 05/04/1949. p. 04.

edifício Tubal Vilela, descendo até o “Bar da Mineira”, dando uma paradinha para o sorvete ou o chope e mais tarde também com promessas de encontro no Uberlândia Clube inaugurado no final dos anos 30.



Foto 15: Saída do Cine Central, s/d

Apesar de toda a discriminação a negros e pobres, as pessoas não se mantinham indiferentes ao que acontecia, tanto que em alguns espaços abertos de indignação nos jornais, nos deparávamos com “desabafos” como no anúncio do jornal A Tribuna de 1920:

“ nada tem havido nesta cidade a que se possa chamar de diversão. Nada menos os dois cinemas que agora possuem além de orquestras muito boas programmas de primeira. Entretanto não são essas diversões que convém ao povo porque, como sabemos nem todos podem frequentar esse divertimento. Uma das diversões que devemos promover é aquella em que nosso povo tome parte sem ônus para elle...”⁴²

Vimos que mesmo com apenas dois cinemas e mesmo com ingressos mais baratos nos poleiros algumas pessoas ainda não podiam apreciar essa diversão. Apesar de pequenos e poucos os espaços para o desabafo das classes “pobres” nos jornais, compreendemos que mesmo não sendo citados como fazendo parte da “elite uberabinhense”, as classes populares sabiam o que ocorria na cidade e não fechavam os olhos para as atitudes de segregação.

Mesmo com todos os conceitos e elogios, a população de Uberabinha era referenciada de forma excludente, pois se falava sempre da “elite”, que a tudo dava seu

⁴² Jornal A Tribuna. s/d. n.43. s/p.

ar de graça e beleza, ou seja, era ela que fazia com que a cidade “funcionasse” e sabemos que a discussão vai muito além de pessoas ilustres, existem aqueles que trabalham para a construção do progresso; mão de obra que mesmo desvalorizada, trabalhou na construção das estradas, praças, até mesmo dos cinemas e que também tinham o direito de ter um momento de folga e usá-lo assim como a “elite”, para se divertirem nesses espaços que se diziam públicos e como tais deveriam servir a todos sem nenhuma distinção.

Através da leitura das fontes, pudemos constatar que na chegada dos cinemas, nos anos de 1910 e 1920 ainda não havia bem uma definição quanto aos frequentadores, já que pelas fotos, observamos a presença da estrutura familiar nos cinemas (pai, mãe e filhos) e também a presença de alguns negros sentados nas poltronas. Nos anos 30 é que começa a existir uma separação maior, onde o público seletos passa a ser constituído em sua grande maioria de jovens em idade de namoro, que iam apenas para procurarem um parceiro do sexo oposto para flertarem, como pode ser percebido através das fotografias no interior do CTU.

Em 1938 inaugura-se o Éden Cinema, localizado na praça Oswaldo Cruz com capacidade para 1100 pessoas da firma de J. Peppe & Cia. Em julho de 1939 é inaugurado o Cine Brasil localizado na praça Antonio Carlos com 650 lugares. Em julho de 1948 inaugura-se o Cine Paratodos na Avenida Vasconcelos Costa num prédio com 500 lugares e no início dos anos 50 ocorre a abertura do segundo maior cinema de Uberlândia, o Cine Regente, também conhecido como Palácio Azul devido a cor de suas paredes internas.

Até os anos 50 estes foram os cinemas de Uberlândia, sendo que alguns permaneceram por um período mais longo como o Cine Theatro São Pedro, o Avenida e o Cine Theatro Uberlândia (o maior de todos), e alguns como o Cinema Central, o Éden e o Brasil que funcionaram por pouco tempo. Como dito anteriormente, havia sempre um grande salão antecedendo o local das projeções, onde orquestras tocavam antes e no desenvolver dos filmes. Até meados dos anos 40 era assim que acontecia as exhibições de filmes, onde posteriormente foram instaladas gravações de discos em substituição das orquestras.

Os anos 30,40 e 50 marcaram a história do cinema em Uberlândia pois nesse período já havia grandes cinemas onde se notava a separação das classes não só nos espaços internos, mas também nos diferentes locais. Os pobres procuravam os cinemas

de acordo com sua condição e os ricos freqüentavam os maiores e mais caros locais de exibições cinematográficas.

O cinema funcionou como importante divulgador e formador de novas formas de comportamento que mais tarde se transformaram em condutas sociais. Essas casas de espetáculos conseguiram mobilizar grandes “multidões” que viam nesses locais uma maneira de participarem da vida social da época. Assim na busca de conseguir mais público e mantê-lo sempre interessado, o cinema investiu em novas temáticas que simbolizavam uma maior interação com as problemáticas e transformações da sociedade.

*“Em Uberlândia, o cinema é um mal incurável. As estatísticas acusam um número espantoso de gente que cotidianamente gasta, muita vez, o dinheiro do almoço do dia seguinte para ter o prazer de assistir às proezas do Ken Maynard, ou as românticas conquistas de Robert Taylor. É motivo de justificado orgulho para os uberlandenses o dizer-se que, mais ou menos sessenta contos de réis, passam, mensalmente, pelas bilheterias dos nossos cinemas.”*⁴³

A presença maciça da população não se dava apenas devido a ausência de outras formas interessantes de diversão, mas também em virtude das programações que eram oferecidas, lembrando que as programações eram basicamente de filmes estrangeiros, já que de acordo com Paulo Emilio Gomes, os filmes brasileiros surgiram no período de 1896 a 1912 pelos irmãos Segreto no Rio de Janeiro onde as filmagens brasileiras eram paupérrimas e já no início da década de 10 estavam em decadência.

No período de 1912 a 1922 as atividades cinematográficas foram mínimas, aparecendo mais filmes em forma de documentário e jornais da atualidade. De 1923 a 1933 tivemos os clássicos do cinema mudo e surgiram filmagens em outras cidades, além do Rio de Janeiro e São Paulo, mas a preferência ainda era por filmes importados. Em Uberlândia não era diferente:

*“Hoje á uma hora em ponto magnífica e variada matinée chic.
À noite, inicio do grande e surpehendente film em séries: A Fortuna Fatal.3
Episodio: A Tortura das Chamas.
4 Episodio: Ascensão para a Vida.
A Empreza do Central chama a atenção de seus habitues para os films de grande
sucesso que serão passados esta semana:
Canção de Amor: Paramount- Bryan Washburn
Ferrete do Desprezo- Goldwyn*

⁴³ O Peregrino. O Mal do Cinema. Jornal O Repórter. Uberlândia. 03/07/1938. p. 4.

*Esposas Velhas por Novas- Extras- Art- Craft- Elliott Dexter”.*⁴⁴

Os filmes anunciados nos jornais eram apenas os filmes ditos pela sociedade como os filmes da “América do Norte” que os presenteava com suas fitas:

“Saem todos agora para o cinema São Pedro. Ao lado da porta, enquanto espera abrir a portinhola da bilheteria, através da parede, o pessoal da “Chapada” comenta:

- Hoje vai havê enchente...

- Pruquê siô?

- Uai, pois hoje passa a fita engraçada do Tontolini e o Max- Linder e uma do Nic- Lart. Etâ fitaço!

- Será quanto custa a entrada da Isé?

- Uai, é o preço do costume. Quinhentão.

O salão já esta repleto! A banda executa “sobre as ondas”. Que lindo dueto de clarineta e piston, com o contra canto pelo bombardino! Com o contra baixo em si bemol, marca o compasso com notas graves! Outra valsa dolente. Vai começar a exibição.

Que sorte! O Custódio é um corropio por toda a parte! Escureceu o José Agostinho, operador, já molhou a tela. Lá está o foco luminoso, do” Pathé” bem no meio da tela, como um suplicio para a vista dos espectadores. Inicia-se o programa e a musica continua acompanhando o desenrolar da representação. Findou: o comentário feito pelo pessoal da “Chapada” continua:

- Que fita! Etâ Tontolini danada de engraçada! Quiá, quiá, quiá. O xenfes! Etâ eu que ri!

*- E o Max- Linder ? Que graça! Etâ cinema bão! (...)”.*⁴⁵

Vemos que a interação das classes populares nos cinemas se dava pela busca de um mesmo ideal que era o de se buscar o sonho, a fantasia, um romance de filme, a alegria de uma comédia. Daí o fato de não podermos comparar o cinema como alienante ou manipulador, pois como comenta Jean Claude Bernadet:

*“A interpretação desse cinema como pura alienação e manipulação provavelmente não é errada, mas é certamente insuficiente. Este enfoque carrega um certo desprezo tanto pela produção cultural industrial como pelo público de massa (...). Afinal, se tantas pessoas gostaram desses filmes, é que eles só podiam ter algo que as interessasse. Eles propunham sonho e fantasia contra as agruras da vida? Certo. Mas, para esses sonhos e fantasias terem efeito, era necessário que eles tocassem numa vontade de sonhar, em aspirações, em medos, angústias e inseguranças que as pessoas realmente tivessem”.*⁴⁶

⁴⁴ Jornal O Aerolitho. 03/10/1920. s/p.

⁴⁵ Revista Uberlândia Ilustrada, s/d.

⁴⁶ BERNADET, Jean Claude. O que é Cinema ? São Paulo: Brasiliense, 1989. págs. 78 e 79.

Sob o olhar da Indústria Cultural, o cinema pode ser analisado como alienante e manipulador, mas não é só o que basta. As salas de exibições ficavam praticamente cheias em todas as sessões. Daí podemos perceber que não era por somente por uma questão de simples manipulação, mas devido à busca de sonhos e fantasias que os filmes ofereciam, é que as classes populares participavam das sessões e da vida social da cidade.

Em Uberlândia as sessões de matine eram animadas com vespéral dançante no hall de entrada do cinema, antes do início das sessões de filmes da Disney e apresentações de seriados de Águia, Flash Gordon, Tarzan e os clássicos “Westerns”. Em sua grande maioria os filmes eram importados da América do Norte, o que não impedia o público de participarem das sessões.

Houve várias críticas em relação a este fato principalmente no jornal A Tribuna que afirmava ser mais fácil encontrar uma vila que não tivesse água potável, do que um local que não houvesse cinema.

“Nestes o predomínio nas fitas americanas tocando no ponto fraco da nossa gente se alteraram em sururus medonhos, as pistolas e até o laço. O malfadado oeste é o predilecto para as grotescas e vergonhosas scenas que muito cynicamente os americanos nos impingem(...), são os que mais se primam por sua estupidez... e nós, resignados pela curiosidade, engulimos todas as patifarias.”⁴⁷

Percebemos que mesmo com algumas reclamações sobre as fitas americanas, pessoas de todas as classes sociais se “interagiam” dentro dos cinemas, algumas para apreciar os “maravilhosos” filmes que os faziam viver num mundo irreal de fantasias e outras que mesmo não estando lá para se sentirem num mundo de sonhos, iam como nos diz o anúncio por curiosidade.

⁴⁷ Jornal A Tribuna. 18/09/1921. s/p.

Conclusão

Ao longo do trabalho procuramos analisar e compreender a dinâmica das relações sociais ocorridas em torno e dentro dos cinemas em Uberlândia, levando em consideração aspectos de sociabilidade presentes nas situações vividas entre os cinemas e a sociedade. Dessa forma destacamos alguns aspectos tais como conflitos sociais, políticos e econômicos presentes na forma de tratamento dos espectadores chamados na época de habitues, observando a própria divisão espacial que havia nos cinemas e também pela maneira com que seus freqüentadores se apresentavam.

Tais aspectos puderam ser observados através de comentários tecidos pela imprensa local que nos auxiliaram na melhor compreensão das representações sociais da população uberlandense. Desse modo, constatamos que nos anos 1910 e 1920 que foram o do surgimento dos cinemas, ainda não havia uma “separação” tão distinta dos freqüentadores como nos anos 30 que se constituíram como o “período áureo” do cinema em Uberlândia e onde surgiram grandes e luxuosas salas de projeções, denominadas de “palácios” devido a seu luxo e exuberância; nesse período, as pessoas procuravam o cinema mais de acordo com sua classe social, os pobres procuravam os cinemas mais baratos e os ricos os mais elegantes e caros.

Os cinemas foram motivos de orgulho para a sociedade uberlandense e um importante espaço de convívio social em que o ato de assistir a um filme representava um convite à sociabilidade, vista pela grande aglomeração na porta dos cinemas antes do início das sessões e pela própria vestimenta da população (homens de terno e gravata e mulheres com belíssimos vestidos de festas); era o local privilegiado do convívio social. Percebemos que os espaços eram marcados pela divisão social e na própria conduta de seus freqüentadores pelas diferenças e conflitos da época envolvendo questões como a discriminação étnica e social.

Hoje os cinemas não conseguem mais mobilizar grandes aglomerações, eles não representam mais o local do convívio social até mesmo porque as opções de lazer se multiplicaram e se diferenciaram. Em Uberlândia o local de encontro não é mais na Avenida Afonso Pena principalmente após a inauguração do Center Shopping considerado um local mais “seguro” e que oferece desde o entretenimento até lojas de comerciais, bares e restaurantes.

Os majestosos cines teatro perderam toda a sua simbologia para os chamados cinemas de shoppings que possuem de 10 a 15 salas de projeções multiplex e aonde as pessoas vão apenas para assistirem a um determinado filme. O flerte, o namoro, o convívio social que existia nos anos 20 e 30 foi deixado de lado, o comportamento dentro dos cinemas mudou assim como toda sua estrutura; os cinemas são agora locais de passagem e não conseguem mais despertar o interesse de seus freqüentadores como no passado.

Ao longo dos anos, assim como o encontro nos cinemas foi deixado de lado, a própria forma de lazer das pessoas mudou. O gosto, a sociabilidade, tudo foi deixado de lado, dificilmente hoje as pessoas vão ao cinema para encontrar o parceiro ou parceira ideal. Uberlândia conquistou o seu tão almejado progresso embora os conflitos sociais e econômicos ainda existam e que os discursos publicitários ainda façam questão de deixá-los de lado para que a cidade seja sempre exemplo para as regiões vizinhas. O local de passeio não é mais o cinema em específico, mas o shopping que atrai grande parte da população e que ainda conserva traços de discriminação social.

O que queremos dizer é que apesar da forma de lazer ter sido mudada nos dias atuais, o caráter de exclusão ainda pode ser percebido, já que para se entrar no shopping você precisa estar vestido de acordo com as pessoas do local. Quem não tem uma vestimenta “na moda”, não procura esse tipo de lugar e sim outros estabelecimentos de acordo com sua condição social. Talvez a única coisa que permaneça a mesma dentro dos cinemas seja a desordem que não chega ser comentada nos jornais locais, mas que para os espectadores se torna às vezes desagradável devido ao enorme barulho e zombarias que são feitas por algumas pessoas no decorrer da exibição cinematográfica. O que era dito na coluna de Angu & Karoço ainda temos até hoje dentro dos cinemas.

Fontes:

Fotografias :

- Arquivo Público Municipal de Uberlândia.
- Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS.

Jornais:

Arquivo Público Municipal

Acervo Jerônimo Arantes

1907- A Nova Era

1907/1908- O Progresso

1916- O Binóculo

1917- Diário de Uberabinha

1918- A Notícia

1919/1925- A Tribuna

1920- O Aerolitho

1923/1924- Parahyba

1924/1925- O Comércio

1926- Triângulo Mineiro

1928- O Município

1936- Jornal de Uberlândia

1936- Diário de Uberlândia

1938- Correio de Uberlândia

1938/1939- O Repórter

1941/1942- Jornal de Uberlândia

Revistas:

PEZZUTI, Cônego Pedro. *Município de Uberabinha: História, Administração, Finanças e Economia*. Uberabinha: Oficinas Livraria Kosmos, 1922.

Revista *Uberlândia Ilustrada*.

Bibliografia:

ADORNO, Theodor W. *Textos Escolhidos*. Trad. Jose Lino Grunnewald. In: O autor como produtor. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BACZKO, B. *Imaginário social*. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 5, Lisboa: Casa da Moeda, 1985.

BENJAMIM, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: Os Pensadores, vol. XLVIII. São Paulo: Victor Civita, 1975.

_____. *O autor como produtor*. 7ª ed. In: Obras escolhidas-Magia e Técnica, Arte e Política. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema?* São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOSY, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1977.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. *Variedades da História Cultural*. São Paulo: Cia. das Letras,

CAPUZZO, Heitor. *Cinema: a aventura do sonho*. São Paulo: Editora Nacional, 1986.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 4ª edição, 1981.

COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural*. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LE, GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: História e Memória. Trad. Bernardo Leitão [etal]. Campinas. SP: Ed. Da Unicamp, 1990.

DÂNGELO, Newton. *Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio*. Uberlândia, 1939/1970. Doutorado-História, PUC/São Paulo, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GABLER, Neal. *Vida: O filme como entretenimento conquistou a realidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

GOMES, Paulo Emilio Salles. *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro. Paz e Terra: Embrafilme, 1980.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MACHADO, Paulo de Barros. *Uberlândia um sucesso de bilheteria*. In: Cadernos de História, vol. 4, nº. 4, Uberlândia: UFU/Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

PEZZUTI, Cônego Pedro. *Município de Uberabinha: História, Administração, Finanças e Economia*. Uberabinha: Oficinas Livraria Kosmos, 1922.

STRINATI, Dominic. *Cultura popular uma introdução*. São Paulo: Hedra, 1999.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*. Uberlândia: Gráfica Uberlândia, 1970.